

Marcel Mauss e a historiografia cultural: um resgate contemporâneo¹

Marcel Mauss and the cultural history: a contemporary rescue

Marcel Mauss y la historiografía culturales: un rescate contemporânea

Airton José Cavenaghi²

Resumo: Este artigo discute Marcel Mauss como sujeito histórico. Essa discussão baseia-se em perceber suas ideias nas ideias de outros pensadores do período tais como, Lévi-Strauss (2004), Stockingjr (2004); Montandon (2011); Castro (2005) e Martins (2005). Busca assim, analisar o contexto de produção de seu "Ensaio sobre a Dádiva" e como suas ideias se articulam na formação e interpretação das sociedades humanas. Utiliza-se a historiografia para a interpretação dos diversos tempos e produções históricas analisadas, além da inter-relação entre teoria e prática aplicada na compreensão do cotidiano histórico. Para tanto, busca resgatar e perceber as "dimensões" da hospitalidade na sua concepção inicial e no mundo atual, além da ideia de "permanência", discutida e propagada pela historiografia contemporânea.

Palavras-chave: Hospitalidade. Dimensões. Historiografia. Marcel Mauss. Mundo Contemporâneo.

Abstract: This article discusses Marcel Mauss as historical subject. This discussion is based on realizing his ideas in the ideas of other thinkers of the period such as Levi-Strauss (2004), Stockingjr (2004); Montandon (2011); Castro (2005) and Martin (2005). In this point of view, it analyzes the production context of his "Essay on the Gift" and how his ideas are articulated in the formation and interpretation of human societies. We use in the historiographical for interpreting different times this interpretation the historiographical for interpreting different times and historical productions analyzed in addition to the inter-relationship between theory and practice applied to the understanding of the historical moments. Therefore it seeks to rescue and understand the "dimensions" of hospitality, in its initial conception, and in today's world, beyond the idea of "continuum", discussed and propagated by contemporary historiography.

Keywords: Hospitality. Dimensions. Historiography. Marcel Mauss. Contemporary World.

Resumen: Este artículo discute Marcel Mauss como sujeto histórico. Esta discusión se basa en la realización de sus ideas sobre las ideas de otros pensadores de la época, como Lévi-Strauss (2004), Stockingjr (2004); Montandon (2011); Castro (2005) y Martin (2005). Así que buscar, analizar el contexto de producción de su "Ensayo sobre el don", y cómo sus ideas se articulan en la formación y la interpretación de las sociedades humanas.

¹ Este artigo em sua versão inicial e resumida, foi apresentado no XII Seminário ANPTUR 2015 e neste aspecto, encontra-se modificado ao ser renomeado e ampliado, acrescido das discussões desenvolvidas durante a sua apresentação original.

² Universidade Anhembi Morumbi (UAM-SP), São Paulo, SP, Brasil.

Utilizamos el método historiográfico para la interpretación de diferentes tiempos y producciones históricas analizadas, además de la interrelación entre la teoría y la práctica aplicada a la comprensión del diario histórico. Por lo tanto, trata de rescatar y entender las "dimensiones" de la hospitalidad, en su concepción inicial, y en el mundo actual, más allá de la idea de "continuum", discutido y propagada por la historiografía contemporánea.

Palabras clave: Hospitalidad. Dimensiones. Historiografía. Marcel Mauss. Mundo Contemporáneo.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe resgatar o momento histórico do aparecimento do "Ensaio sobre a Dádiva", apresentado pela primeira vez em uma publicação em língua francesa no ano de 1924, e analisar como sua proposta teórica pode ser interpretada nas ações e práticas do mundo contemporâneo. Nessa interpretação, procura-se compreender como uma visão teórica proposta pela Antropologia conseguiu sobreviver em tempos de esquecimento dos vínculos naturais entre os homens e de crescimento das interferências do estado e do mercado nas relações sociais construídas desde então.

Nesse resgate, com auxílio do método historiográfico e com o apoio do referencial bibliográfico, foi possível construir um manancial documental no qual procura-se compreender Mauss como homem histórico que se associa diretamente aos acontecimentos vividos em seu cotidiano naquele momento. Assim, a questão central que se formula refere-se à indagação: Quem é Marcel Mauss como homem histórico? Trata-se de uma análise na qual procura-se expor a interpretação histórica associada às dimensões propostas para a compreensão da hospitalidade, para o entendimento do homem e do tempo de Marcel Mauss. Busca-se compreender as indagações relacionadas à interpretação da Hospitalidade no mundo contemporâneo, com a exposição e comentários de possíveis dimensões interpretativas relativas à hospitalidade, no atual estágio de globalização do mundo. Essa compreensão, conforme já argumentado, baseia-se no método histórico bibliográfico, ou seja, na documentação produzida sobre o período pelos teóricos analisados.

Entende-se, nesse aspecto, a hospitalidade como: virtude originária. A hospitalidade é, pois, das mais antigas virtudes, possuindo uma anterioridade tanto cronológica quanto lógica e antropológica; ela está igualmente presente por toda parte a ponto de passar por um instinto natural e de se tornar às vezes caráter nacional de um povo. (Montandon, 2011: 882). A Hospitalidade, nesse aspecto, se apresenta como elemento de destaque para a existência da cultura. Observa-se essa hospitalidade, também, na identificação do "eu" na imagem do "outro" e desta forma o aceite da alteridade. Essa indicação revela como o homem em sua existência cotidiana identifica-se como grupo moldando, assim, sua memória coletiva, compreendendo a sua passagem da "natureza à cultura".

Compreende-se a definição teórica de Dimensões, no contexto deste artigo, como tudo que se desdobra a partir dessa relação de percepção do "eu" na imagem do "outro" revelando-se, nesse caso, a própria noção inicial de cultura. Neste aspecto Lanna (2000: 173), pensou sua interpretação para o "Ensaio sobre a Dádiva" de Mauss, como "[...] dimensão

política da troca de dádivas”. Mas a consideração teórica, proposta por Mauss, na visão de Claude Lévi-Strauss, percebe a “dimensão” como a representação do cotidiano e este será o elemento passível de interpretação. Desta forma:

O fato social total apresenta-se, portanto, com um caráter tridimensional. Ele deve fazer coincidir a **dimensão** propriamente sociológica, com seus múltiplos aspectos sincrônicos; a **dimensão** histórica ou diacrônica; e, enfim, a **dimensão** psico-fisiológica. (Lévi-Strauss. In: Mauss, 2003: 24, grifos nosso).

Para a construção desse artigo, tem-se como amparo, em uma das vertentes interpretativas, a biografia escrita sobre Mauss por Fornier (2005), na versão em língua inglesa. Em outros momentos utiliza-se a exposição teórica proposta pela historiografia de Le Goff; Nora (1976), Braudel (1978), além de Lévi-Strauss (2004), Stockingjr (2004), Montandon (2011), Castro (2005) e Martins (2005).

Essa exposição teórica, com o uso das ideias dos autores apontados, orienta a construção metodológica deste artigo. Observa-se, em diferentes momentos, que a construção da ideia interpretativa de Mauss está em processo de discussão no período proposto nessa análise. Diferentes autores construíram mecanismos semelhantes de interpretação da sociedade no período. Assim, o que se propõem é mostrar que o “sujeito histórico”, no caso Mauss, é fruto desse momento histórico do qual ele faz parte.

2 FAZER HISTÓRIA

O documento histórico é em si um instrumento de análise e sua interpretação não pode ser resumida apenas a uma análise seu conteúdo textual formal. Nos momentos clássicos do desenvolvimento da interpretação histórica, ainda na época de Fustel de Coulanges e sua “Cidade Antiga”, no início do século XIX, fazer história era analisar o conteúdo escrito e buscar a suposta verdade contida nele. Heróis, seus feitos e a cronologia associada a eles, eram o sustentáculo orientador das interpretações historiográficas.

De fato, no momento em que a História renasce como ciência moderna buscando sua própria crítica teórica, encontramos essa realidade interpretativa. Nesse momento, durante o século XIX, julgava-se o documento apenas pelo seu conteúdo explícito. A cientificidade, proposta pelos aspectos da chamada Revolução Tecnológica europeia, não permitia observar aspectos vinculantes, ou seja, tudo possuía verdade em sua interpretação, isolando o textual escrito, de seu contexto de produção.

Foi o grupo de historiadores franceses, Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, com a chamada escola dos *Annales*, nas décadas iniciais do século XX, que propuseram abandonar o eurocentrismo, a interpretação fechada e desfocada do homem amparada apenas em seu lado heroico, e passaram a ver o “documento” para além de seu significado óbvio. Nessa linha, Jacques Le Goff e Pierre Nora aplicaram esse novo enfoque historiográfico como

o apresentado na obra: *História. Novos problemas; novas abordagens e novos objetos*. (Le Goff; Nora, 1976).

Nesse ambiente cultural mundial no qual florescia a escola dos *Annales*, a Antropologia também buscava novos caminhos interpretativos. Antes pensada como ciência para legitimar a dominação das potências industriais (Castro, 2005), a abertura de mercados e a expansão cultural dos povos dominantes. Essa mesma dominação também se manifestou na interpretação de intensos fluxos migratórios para zonas urbanas industriais, buscando também justificar a existência de grandes bolsões de pobreza em zonas urbanas, ou seja, aquilo que Emile Durkheim; tio de Mauss; ao interpretar o então cotidiano francês, chamou de “vazio moral da III República Francesa”. (Rodrigues, 1978: 08). Nesse ambiente, as notícias advindas de povos até então praticamente isolados do ocidente, passaram a se constituírem novidades exóticas e atraentes para uma nova burguesia em ascensão.

Os trabalhos de Sir James George Frazer, resumidos em “O Ramo de Ouro”, lançado inicialmente em 1890, alcançavam na década de 1920 um sucesso praticamente impensável para uma publicação de caráter científico. Frazer coletava relatos etnográficos e os transformava em uma leitura palatável ao conhecimento dessa burguesia em ascensão.

A comparação de diferentes culturas, a classificação e definição de etapas da suposta evolução cultural de todos os grupos humanos, na época chamada de Evolucionismo ou Darwinismo Social, mostrava, e supostamente confirmava, a tendência tecnicista e eurocêntrica que serviria de último patamar comparativo da evolução dos grupos humanos: aqui observava-se a manifestação do poder constituído.

Mauss também coletou essas narrativas etnográficas e foi, assim como Frazer, um etnógrafo de gabinete, mas sua produção, enfatizando-se aqui o “Ensaio sobre a Dádiva” (1923-1924), não buscava respostas positivistas e verdades culturais absolutas, e sim posicionamentos interpretativos.

Esse perfil, de forma diferente da fala de Frazer, construiu uma possibilidade interpretativa da sociedade que continua sendo utilizada até hoje, para compreender padrões e laços sociais invisíveis. Na visão de Godbout (1999): o terceiro paradigma, em oposição ao mercado e ao Estado, ou ainda, quando a “[...] qualidade dos vínculos entre seus membros [de uma organização] está ausente, nada funciona” (Godbout, 1999: 99).

Mauss produziu seu “Ensaio”, no intervalo de duas Grandes Guerras, no qual situações culturais e sociais, anteriormente impensáveis ao gênero humano deixam de ser incomuns e tornam-se constantes, como a matança em massa, por exemplo.

O ambiente das grandes cidades legitimaram-se como espaço da nova sociabilidade que se manifesta. Os pensadores da chamada Escola de Chicago, no E.U.A, fazem desse contexto o seu laboratório. Os grupos urbanos, principalmente os excluídos, passam a ter voz e aparecem em relatos de pesquisas e análises desenvolvidas por este grupo. Nota-se a fragmentação, do tecido social, uma nova sociedade que organiza e transforma sua razão inicial de existência. É da escola de Chicago que nasce a expressão “definição de situação”, ou seja,

o real definido passa a ter consequências reais e torna-se assim, uma memória coletiva (Becker, 1996).

Nessa fragmentação e reorganização da sociedade contemporânea, observa-se que a Hospitalidade pode ser vista como um fenômeno de morfologia social (Gotman, 2011: 80). No “Ensaio sobre a Dádiva”, Mauss argumenta que a constituição da vida social se organiza por um constante “dar-receber-retribuir”, observando que estas são obrigações organizadas de modo particular em cada caso. As trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares, de forma variadas, da retribuição pessoal à distribuição de tributos.

[...] a hospitalidade é uma hospitalidade entre pares, e não uma hospitalidade-ajuda de solidariedade para com inferiores. Pois o que está em jogo nessas trocas desinteressadas e obrigatórias de coisas que não são nunca totalmente destacadas dos que trocam é, nem mais nem menos, a coesão social, o que mantém a sociedade junta. (Gotman, 2011: 77-78).

O que se observa, em termos da contemporaneidade, é a ruptura de uma tradicional coesão social. O tempo de vivência de Mauss passa a ser o tempo dos homens que governam e se capitalizam e do Estado que restringe e organiza esse modelo de governabilidade.

A questão que se coloca remete novamente a pensar o conteúdo da cultura como passível de mensuração, com a criação de valores comerciáveis. Nota-se que esse processo gera uma relação de poder pelo fato de aquilo que é “capturado” de alguém passa, indiretamente, a pertencer a outro, ou seja, novamente o reconhecimento do “eu” na imagem do “outro”.

Essa maneira de coleta da cultura material e imaterial dos novos grupos servia de base para a produção de um manancial teórico analisado pelos antropólogos. Dessa ação criou-se a expressão “antropologia de gabinete”, ou *armchair anthropology* (Castro, 2004).

Mauss, assim como Morgan, Tylor e Frazer, foi um etnólogo de gabinete, mas a sua erudição - como conhecer uma dezena de línguas já desaparecidas - fez dele um pesquisador diferenciado da maioria de seus antecessores. Sua forma de análise rompeu com a proposta do “evolucionismo cultural”, criando uma etnografia que procurava compreender e não só buscar respostas padronizadas e de fácil assimilação. A documentação que Mauss utilizava possuía a característica de ter sido recolhida por nomes que também começavam a se destacar na formatação de uma nova perspectiva de análise documental e antropológica. Franz Boas foi um desses novos antropólogos que passam a ver dimensões não tangíveis nas relações sociais, nos grupos estudados (Stockingjr, 2004).

Havia, nesse aspecto, um certo simbolismo não mensurável e não quantitativo, ou seja, uma oposição direta ao tecnicismo proposto até então, na interpretação das culturas. Um tecnicismo que refletia a linguagem das máquinas, organizando e controlando os homens em ambiente urbanos cada mais racionalizados e consumíveis.

Mauss passa a compreender que “o simbolismo é fundamental para a vida social” (Martins, 2005: 46). As coisas passam a terem valores e significados, na presença de um simbolismo associado às mesmas. Traduzem valores e necessidades cotidianas em memórias coletivas de pertencimento, justificando aquilo que chamou de “fato social total”.

2.1 Marcel Mauss: noções contemporâneas

O meio ambiente e suas manifestações sazonais influenciam o comportamento dos grupos humanos e a forma deles perceberem-se em seu cotidiano. Mauss, nesse sentido, mostra essas relações no estudo dos grupos de *Inuítes* (esquimós): “É que as estações do ano não são a causa imediatamente determinante dos fenômenos que elas condicionam; sua ação ocorre sobre a densidade social que regulam” (Mauss, 2003: 502).

De fato, no mundo contemporâneo, as reações e manifestações dos grupos sociais sedimentam-se em expressões e desejos de um coletivo, que pode possuir ritmos condicionados, semelhantes aqueles movimentos que as estações do ano sugeriam para as chamadas “comunidades arcaicas” (Mauss, 2003). Essa noção do espaço e do território como ferramentas de condução da realidade social e cultural, também era discutido por Fernand Braudel (1978). O mundo mediterrâneo discutido e interpretado por esse historiador pode também ser observado na fala do antropólogo Mauss. Como pensar o tempo, em sua função social, sem entender os mecanismos formadores que são utilizados na compreensão do espaço geográfico? Seria esse mecanismo um fator primal de expressão da realidade coletiva dos grupos humanos?

O espaço, o tempo e a cultura, tornam-se elementos que se interlaçam e produzem uma ampla teia de significados na construção da realidade cultural cotidiana dos grupos sociais analisados. Mauss e seus contemporâneos observam essa mudança interpretativa para a realidade cotidiana e argumentam que não há construções teóricas isoladas, ou seja, analisar um grupo social apenas com um olhar teórico em relação à sua sociedade, é sacrificar importantes aspectos dessa análise.

A sociedade começa a ser pensada como fruto de “um processo”, as ações possuem consequências que se desdobram além do espaço e do tempo de análise do pesquisador. Nesse aspecto, o “Ensaio sobre a dádiva”, nos seus principais questionamentos, parece se amparar nessa continuidade social, ou seja, o “processo” sem fim de ações e “trocas”, para a permanência e existência do grupo e de suas necessidades.

Na expressão contemporânea, esse “*continuum*”, em virtude das novas realidades de constituição, são substituídos por novas expressões e significados. Cada bloco de ações anteriores que constituía a edificação do “*continuum*” social pode ser substituído por elementos externos ao processo original. Por exemplo, uma troca de presentes, que Martins (2005: 55) chama de “hospitalidade”, representa uma expressão da qual a obrigatoriedade da “dádiva”

é sufocada pelo valor simbólico atribuído para um bem tangível, que pode ser medido e capitalizado. No mundo contemporâneo, no qual tudo é mensurável, Estado e mercado assumem funções e tornam-se, o “muro” externo a revestir a construção primal do amálgama social original.

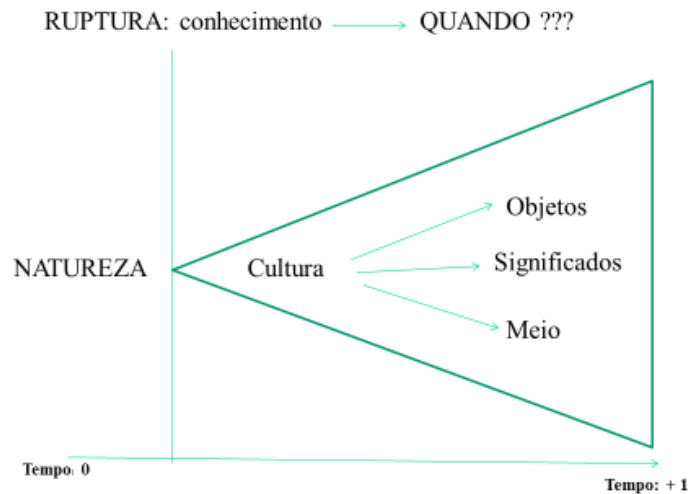
Lília Junqueira (2005), ao analisar o livro “O sistema de objetos”, escrito por Baudrillard no ano de 1968, recorda que a relação entre os homens e os objetos na sociedade contemporânea pode ser percebida por duas características distintas. A primeira refere-se ao padrão técnico, ou seja, a própria constituição do objeto e a segunda encontra-se na significação dada a esse mesmo objeto a partir daquilo que é proposto pelo sistema social. Baudrillard, reconhece que esse objeto é adaptado a “uma ordem e a um sistema” (apud Junqueira, 2005: 148). Se a “hospitalidade” pode ser vista como um “presente” (Martins, 2005), a “coisa dada” passa a significar a ruptura original do sistema analisado e proposto por Mauss. O presente em si passa a representar a sociedade que o constituiu.

No contexto original do “Ensaio sobre a Dádiva” o objeto representa o fortalecimento do vínculo entre pares e garante a continuidade das relações sociais do grupo. No mundo contemporâneo o objeto é representado pelo seu “valor de uso”, muito mais que seu aspecto de fetiche, proposto por Marx ainda quando esse mesmo objeto era visto apenas pelo seu “padrão técnico” (Junqueira, 2005).

2.2 Da natureza do objeto

O objeto como representante de “função”, ou de funcionalismo, é um dos elementos que materializam os aspectos da cultura de um grupo. (Miller, 2010: 75). Sua representação como parte do sistema cultural segue a expressão de seu todo social.

Figura 1 - Cultura e Representação



Fonte: Autor (2015)

De acordo com a Figura 01 apresentada nota-se que não é possível identificar o momento exato da “ruptura” do padrão original homem-natureza. Observa-se esse processo acontecendo entre o tempo “0” e o tempo “+1”, sabe-se que ele aconteceu, mas não é possível de ser mensurado ou medido. Tal fato associa-se à formação da cultura e a sua materialização ocorrida pela “construção” do objeto, sua simbologia e a sua relação com o meio associado ao grupo que pertence.

O objeto e sua função de uso adquire singularidades nas quais torna-se possível percebê-lo na sua totalidade como constituidor da memória de uma comunidade, aspectos já abordados por Leroi-Gourhan (1983), ou ainda pela atribuição de um valor, para esse mesmo objeto, ou mesmo para seu uso. Appadurai (2008: 15), argumenta que: “[...] o valor jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que os sujeitos fazem sobre eles”. Esse “julgamento” representa a materialização cotidiana das ações humanas. Essa “materialização” acontece de forma tão espontânea, que passa a constituir a memória formativa do grupo ao qual ele pertence e só pode ser recuperada nas análises das dimensões relacionadas a constituição do próprio tecido social desse mesmo grupo.

3 HOSPITALIDADE: POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS

Ao observar a caracterização dada ao objeto no mundo contemporâneo e as substituições de funções de uso originais, torna-se possível compreender que aspectos pertencentes as percepções da hospitalidade na atualidade partem da identificação formativa do “eu” na imagem do “outro”. Nessa relação o que acontece depois pode ser pensado como “dimensões” de um processo, que podem de ser utilizadas para a o entendimento do mundo cotidiano. Nesse aspecto, é possível valer-se da compreensão da história, vista e pensada aqui com

“um processo ou *continuum*”, como uma metodologia de análise propícia à compreensão da hospitalidade como modelo atual de tradução de vertentes interpretativas desse mundo contemporâneo.

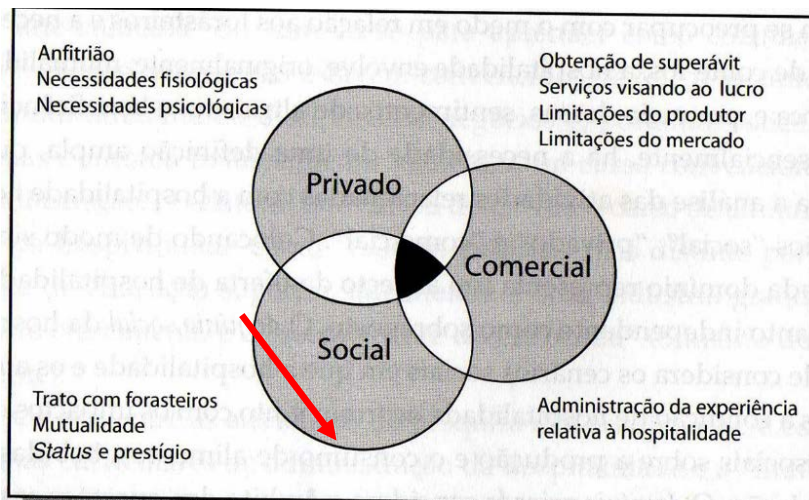
Ao observar a fala de autores como Braudel (1978), ou mesmo Le Goff e Pierre Nora (1976), o mundo cotidiano representa um desdobramento de um passado que ainda não se findou por completo. Há, nesse momento, uma herança formativa do acontecimento que se sedimenta em um amálgama de fatos que constroem um novo cotidiano. A forma como Mauss observa a permanência dessa situação em seu “Ensaio sobre a Dádiva” consiste em demonstrar que apesar da ação proposta pelo ensaio estar sendo descrita em relação às sociedades pouco tecnológicas, não afetadas pelos modelos padronizados e mensuráveis da atualidade, a maneira como a hospitalidade se manifesta pode ser caracterizada e ampliada em múltiplas dimensões desse processo original de criação do tecido social.

Nota-se, que ao classificar a hospitalidade como “comercial”, “pública” ou “privada”, limitam-se as necessárias e possíveis interpretações: a hospitalidade não é “uma coisa” mensurável ou tangível. Representa certas ações nas quais um determinado ponto de vista pode ser objeto de análise e, assim, minuciosamente decomposto e encontrado nas dimensões passíveis para sua interpretação. Godelier (2001: 23) recorda que a “[...] cultura ocidental valoriza os dons não solicitados”, ou seja, aqueles que em um certo momento, ao contrário do momento inicial da percepção da dádiva, passam a serem mensuráveis e, assim, se tornam mais representativos que outros.

Camargo (2004) fala em categorias: “entreter, acolher, alimentar e hospedar”. Nesse sentido, a visualização desses modelos na sociedade ocidental contemporânea, traduz valores mensuráveis e passíveis de tangibilidade ao se buscar, na hospitalidade, mecanismos de perpetuação do capital. Aqui o objeto e sua caracterização, passa a representar um determinado “valor”, conforme discutido anteriormente.

Tal fato, é explorado pela corrente de pensamento da hospitalidade, da qual Conrad Lashley tornou-se o pensador mais conhecido. Lashley (2004), propõe em sua análise, que a intersecção das esferas do privado, comercial e social, pode ser identificada como uma “zona de administração da experiência relativa à hospitalidade”. (Lashley, 2004: 06).

Figura 2 – Atividades relacionadas com a hospitalidade



Fonte: Lashley (In: Lashley, C. Morrison, A. (Orgs.). (2004: 06.)

Para a inserção da seta, em destaque, utilizou-se da publicação original em inglês, que indica o local no qual os autores procuram demonstrar a ideia de materialização das “dimensões” da hospitalidade. Nas análises desenvolvidas neste artigo, utilizou-se da obra traduzida para o português em 2004.

Na figura 2 de exposição teórica, o autor consegue demonstrar a percepção de algo tangível e rotulável, fundamental para as esferas dos negócios contemporâneos. O próprio subtítulo de sua obra na tradução em português, “perspectivas para um mundo globalizado”, já traz a razão de seus encaminhamentos teóricos. Os objetos e seus valores encontram-se na representação dessa análise, embora tenham sido concebidos nas zonas externas, das sugeridas pela análise interpretativa de Lashley (2004).

Esse mundo globalizado não é o mesmo com o qual conviveu Mauss, que apenas pode percebê-lo em seu início. No mundo atual seu “Ensaio sobre a Dádiva”, passa a ser observado em situações diversas de seu entendimento inicial.

Na historiografia o conceito de “realidade cultural” é o fio condutor para compreender as ações do momento histórico analisado. No mundo ocidental contemporâneo, no qual as relações humanas são em grande parte motivadas pelas necessidades do Estado e do Comércio, a hospitalidade não poderia ser um produto externo e contraditório a essas relações, ao contrário, ela passa a existir em múltiplas dimensões nos novos espaços socioculturais que se formam. Ela se torna uma espécie de amálgama dessas relações em suas diversas dimensões, comerciais, políticas, sociais, virtuais, etc.

Le Goff e Nora (1976) chamam esse contexto sociocultural de “sentido de permanência” ou “*continuum*” na qual a continuidade do processo pode, e em muitos casos isso é bem explícito, se desdobrar para algo totalmente diferente daquilo que o motivou.

Sua essência formativa permanece igual, mas seu caráter original não é um elemento identificável de forma imediata. Mauss já havia visto isto, e seu “Ensaio” além de resgatar

aquele momento inicial de quando o homem se identificou com o conceito de cultura, chamado por ele de “sociedades arcaicas”, propõe segundo a interpretação de Martins (2005: 47), ver que o “[...] simbolismo é fundamental para a vida social”.

Esse simbolismo é encontrado, também, nas ações interpretativas de Le Goff e Nora (1976), para os quais a história não é apenas um documento datado. Ela se desdobra além dos objetos tecnicamente construídos e padronizados, nas funções sociais que lhes são atribuídos. Seu “custo” é alicerçado pelo contexto de sua “aceitação” pelo mercado, mas essa “aceitação” só pode ser visualizada se seu simbolismo for perceptível como elemento constituidor da sociedade que o produziu. Assim, a dimensão da hospitalidade está na percepção de quanto esse mesmo objeto reflete relações de poder e de como essas mesmas relações se perpetuam com a sua constante massificação de mercado.

Outro aspecto da compreensão contemporânea das dimensões da hospitalidade encontra-se na noção de valor atribuído ao espaço de vivência cotidiana. Em um ambiente urbano, por exemplo, as relações são constituídas desse simbolismo e assim o espaço, monetariamente constituído, torna-se o melhor território para expressões associativas nas quais o consumo massificado garante a continuidade social, não só desejada, como também controlada.

A permanência de um fluxo de consumo constante pode ser observada nas fabulosas estratégias gerenciais e principalmente na capacidade dos poderes constituídos garantirem o acesso àquilo que é massificado e padronizado. Qual estratégia gerencial nunca pensou em levar ao menos um de seus produtos para cada um dos cidadãos desse mundo globalizado? Essa noção de criação do “produto essencial para a vida” é a transformação da identificação inicial do “eu” no “outro”, no sentido primordial da existência coletiva dos homens - que pode ser percebido como o momento inicial da percepção da hospitalidade - em dimensões passíveis de mensuração, classificação, mercantilização, controle e, assim, de continuidade do tecido social.

Mauss como sujeito histórico é percebido como um crítico na ruptura de um modelo anterior subordinado apenas às noções do Estado e do Comércio, ao propor que algo que formatou, a identidade inicial de um grupo, permanece vivo na esfera constituidora do cotidiano dessa mesma sociedade.

Entre os estudos atuais que buscam expressão na interpretação da sociedade pela perspectiva do objeto, destaca-se o de Arjun Appadurai, “*A vida social das coisas*” (2008), no qual a “(...) mercadoria e as coisas despertam interesses de diversos tipos de antropologia” (Appadurai, 2008: 17). Nessa lógica os aspectos associativos de seu consumo e produção atribuem as “coisas”, espécies de personalidades passíveis de consumo e que de certa forma representam as expressões das padronizações necessárias para exercer o controle e representar os poderes de uma elite administrativa.

Na interpretação proposta nesse artigo, as “dimensões” que materializam e mercantilizam aspectos da hospitalidade são àquelas que inicialmente moldaram a existência dos

homens em grupo. Representam elementos que provocam tensões constantes pois legitimam a existência do outro e assim tornam-se necessárias, pois servem de “espelhos comparativos”. A resposta “visualizada”, nessa espécie de espelho, é a meta social a ser atingida.

Os elementos arcaicos que formaram a existência do homem em grupo, representam aquilo que Malinowski (1975) chama de “Fósseis Culturais”, ou seja, existiram, mas seus traços na atual sociedade são muitos distantes daquilo que os originaram. É o próprio Malinowski que relembra que buscar a essência de um grupo social pela simples interpretação da função do objeto é esquecer que a formação da cultura em um determinado grupo social é derivada de múltiplas e infinitas variáveis constitutivas nas quais o meio ambiente pode influenciar e ao mesmo tempo ser modificado pela ação humana e tornar a influenciar criando, assim, um processo infinito.

3.1 A história e a narrativa da Hospitalidade

Jörn Rüsen (2001: 160-161), argumenta que:

O sentido histórico requer três condições: formalmente, a *estrutura de uma história*; materialmente, a *experiência do passado*; funcionalmente, a *orientação da vida humana prática* mediante representações do passar do tempo.

A “orientação da vida humana prática” remete a perceber estruturas culturais tangíveis e intangíveis. Rüsen (2001) analisa a ideia do “passar do tempo”, ao observar que os modelos de interpretação do tempo não são originalmente padronizados, mas criados conforme necessidades de um grupo social específico. Rüsen relembra o chamado “narrativismo” que tenta inserir sociedades distintas em modelos padronizados e, assim, controláveis.

As dimensões que se desdobram da Hospitalidade, no mundo globalizado, referenciam padrões de comportamento semelhantes. Representam a transformação daquilo originalmente intangível e não mensurável, pertencente as necessidades formadoras de um grupo único, em algo que pode ser padronizado e medido.

As condições iniciais da hospitalidade, buscada e interpretada no “Ensaio sobre a Dádiva”, podem ser resumidas no questionamento orientador exposto por Mauss: “Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?”. (Mauss, 2003: 188). Nesta expressão, nota-se que o sentido de “obrigação de troca” atribuído “a coisa”, resume uma ampla gama de simbologia utilizada para justificar e orientar a sociedade que a pratica. Mauss remete a ideia de seu tio Durkheim ao expor que existe o chamado “fato social total”, no qual o sentido do grupo é observado no desencadeamento da percepção, uso e permanência das “coisas dadas”. Nota-se, assim, que a hospitalidade não pode ser determinada no espaço tempo de uma cronologia. Ela foi elemento formativo da razão de existência dos diversos

grupos humanos, algo que não se propagou por dispersão, mas sim estabeleceu-se com características próprias da razão de existência de cada grupo social. Ao buscar interpretações para a hospitalidade, deve-se recordar que: “(...) a hospitalidade analisa a relação interpessoal como o resgate(...)”. (Camargo, 2015: 45)

Como exemplo desse fato, Câmara Cascudo, sem citar a obra de Mauss, resgata a lenda do aparecimento da mandioca entre os indígenas *Parecis*, do então estado do Mato Grosso. Tal lenda associa a existência do grupo ao sacrifício feito por um de seus membros ao transformar-se em mandioca para assim prover a todos com o alimento. Como o sacrifício foi feito por uma mulher, no futuro só as mulheres poderão colher a mandioca. (Cascudo, 1988: 464). Aqui encontra-se o exemplo da retribuição da “coisa dada”. A hospitalidade encontra-se no estabelecimento de uma espécie de elo na continuidade e permanência do grupo.

Não há uma definição de uma cronologia, uma datação, pois a história, é uma lenda, algo perdido no tempo e, assim, não é possível um “narrativismo”, conforme argumentou Rüser. Na busca de datar e classificar a hospitalidade comete-se o erro do anacronismo histórico, no qual a narrativa atual busca encaixar-se em uma ambientação cultural diferente daquela que se vive. Fazendo isso torna-se possível mensurar e classificar, e assim, transformar o intangível em algo tangível, quantificado e monetizado.

Tais ações permitem perceber como a teoria do “Ensaio sobre a Dádiva” foi incorporada ao chamado “mundo dos negócios”. A eterna necessidade das trocas, que garantiriam a existência de um grupo, só pode continuar existindo no mundo globalizado se padrões dessa existência forem tangíveis e quantificáveis para todos os grupos culturais. Os domínios da hospitalidade analisados por Lashley (2004) representam a busca desses padrões. Na padronização efetiva-se o espelhamento do real que pode ser utilizada como um instrumento de poder consolidado.

A quantificação estabelecida pelo atual uso das noções de hospitalidade, remete a um resgate de situações que estruturavam o cotidiano dos grupos humanos: receber, hospedar, entreter e alimentar (Camargo, 2004). Essas situações desta forma, transformam-se em bases interpretativas mensuráveis na administração dos negócios da hospitalidade na época contemporânea.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo a proposta de compreender Mauss como “sujeito histórico”, tendo como base a documentação produzida sobre ele em conjunto com o pensamento social do período, torna-se possível com a compreensão das ideias de seu “Ensaio sobre a Dádiva” no contexto de seu momento como etnólogo e antropólogo. Ao buscar transpor suas ideias para o tempo contemporâneo torna-se necessário percebê-las e analisá-las com a correta interpretação dos tempos históricos.

A metodologia utilizada, a bibliográfica, é uma forma de recuperar o momento vivido por esse personagem. Na impossibilidade da existência de testemunhas vivas dessa ambientação intelectual que levou ao desenvolvimento do “Ensaio sobre a Dádiva”, o uso do referencial bibliográfico, produzido no período e sobre o mesmo, auxiliam de maneira significativa a compreensão do tempo vivido por Mauss.

O momento de seu raciocínio não é o mesmo do mundo contemporâneo, no qual sua teoria pode ser aplicada de modo a se perceber a Hospitalidade como um mecanismo de compreensão do mundo atual. O raciocínio das “sociedades arcaicas” está transmutado em ações e movimentos que possuem dimensões propícias a sua interpretação pela ótica da hospitalidade. A técnica, antes elemento da falsa noção do grau de evolução da cultura dos grupos humanos, utilizada para justificar a dominação de outros grupos, hoje é elemento de mensuração e caracterização, voltada para um apelo econômico e de consumo.

A atualidade do “Ensaio sobre a Dádiva” encontra-se em compreendê-lo como proposta interpretativa da formação da ideia de cultura nos grupos humanos. Ao observar-se essa ação, minimiza-se o risco de interpretá-lo em uma visão diacrônica da história, ou seja, um sucessivo desencadear de acontecimentos sem aparentes ligações entre eles. A Hospitalidade, como resultado principal da interpretação proposta por Mauss em seu “Ensaio”, apresenta-se no simbolismo das ações e nas representações das coisas, aquela mesma “coisa dada” que deve ser retribuída.

REFERÊNCIAS

- Appadurai, Arjun.(2008). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói-RJ : Editora UFRJ.
- Becker, Howard. (1996). *A escola de Chicago*. Mana, Rio de Janeiro , v. 2, n. 2, 177-188, Outubro.
- Braudel, Fernand. (1978). *Escritos sobre a História*. São Paulo : Perspectiva.
- Camargo, Luiz Octávio de Lima. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo : Aleph.
- _____.(2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*. V.XII, número especial, 42-70.
- Cascudo, Luís da Câmara (1988). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP.
- Castro, Celso (org.). (2005). *Evolucionismo Cultural*. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro : Zahar.
- Cavenaghi, A.J. Turismo, hospitalidade e ensino de História. In: Silva, M. (org.) *História: Que ensino é esse?* Papirus : Campinas-SP, 2013.
- Fournier. Marcel.(2005). *Marcel Mauss. A byography*. Princeton; New Jersey.

Grossi, Mirian; Rial, Carmen. (2002). *Mauss segundo suas alunas*; 46'. (Documentário, Florianópolis_SC). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4_bsGMv1Ns8 <acesso 09/08/2014>

Godbout, Jacques T. (1999). *O espírito da Dádiva*. Rio de Janeiro : FGV.

Godelier, Maurice. (2001). *O enigma do dom*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.

Gotman, Anne. (2011). Marcel Mauss: uma estação sagrada da vida social. In: Montandon, Alain. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo : SENAC.

JUNQUEIRA, Lília. (2005). A Noção de representação social na sociologia contemporânea. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, 18/19.

Lanna, Marcos. (2000). Notas sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva. *Revista Sociologia e Política*. Universidade Federal do Paraná : Curitiba, 14, 173-194, junho.

Lashley, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C. MORRISON, A. (Orgs.). (2004). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole.

Le Goff, Jacques; Nora, Pierre. (1976). *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

_____. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

_____. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

Leroi-Gourhan, Andre. (1983) *O Gesto e a Palavra: Técnica e Linguagem*. v. 1. Lisboa: Edições 70, 1983.

Lévi-Strauss, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. (2004). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo : Cosac e Nayfi.

Martins, Paulo Henrique. (2005). A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, Dezembro. 45-66.

Malinowski, Bronislaw. (1975). *Uma teoria científica da Cultura*. Rio de Janeiro : Zahar.

Mauss, Marcel. (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo : Cosac e Nayfi.

Miller, Daniel. (2010). *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro : Zahar.

Montandon, Alain. Uma apologia da Humanidade: Christian Hirschfeld. In: Montandon, Alain. (Dir.). (2011). *O livro da Hospitalidade. Acolhida do Estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo : Senac

Rodrigues, J. A. (org). (1978). *Emile Durkheim*. São Paulo : Ática.

Rüsen, Jörn. (2001). *Razão Histórica*. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília-DF : Editora da UNB.

Stoccking Jr, George W. (org.) (2004). *Franz Boas. A formação da antropologia americana (1883-1911)*. Rio de Janeiro : Contraponto/Editora UFRJ.

Artigo recebido em: 02/03/2016.

Artigo aprovado em: 11/08/2016.

Airton José Cavenaghi

Professor Pesquisador do PPG em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. UAM-SP. E-mail: acavenaghi@gmail.com ; cavenaghi@anhembimorumbi.edu.br